

DO ORAL PARA A ESCRITA: O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO DE UMA PALESTRA

Autores

Daniele c Dos Santos Pascuali
Maria ap de Moraes Piveta
Edina c Ignacio
Rosana Cristina Gobbo
Daniele b Arantes
Silvia c Possignolo
Adriana m Caldeira
Sonia Cristina p Daros

1. Introdução

Em diferentes situações sociais do cotidiano, os indivíduos produzem textos orais que podem se transformar em produções escritas. Durante uma aula, as produções verbais orais realizadas por um professor e anotadas no caderno pelos alunos ilustram tal ocorrência: os alunos transformam o texto oral em texto escrito.

Essas alterações foram observadas e estudadas por Marcuschi (2001). Para este lingüista, as transformações ocorrem automaticamente pelos usuários de uma língua, sem que eles se dêem conta das complexidades das operações. O lingüista concebe essas transformações como atividade necessária para elaboração de textos, porque embora fala e escrita façam uso de um mesmo sistema lingüístico, há particularidades na formulação de textos tanto na modalidade oral, quanto na escrita. Ao conjunto dessas transformações, Marcuschi denominou retextualização.

Ao focalizarmos o gênero palestra, compreendemos que seu estudo pode ser concebido a partir das considerações de Marcuschi, uma vez que ao analisarmos os elementos constitutivos de uma palestra, constatamos a freqüência com que ocorre a transformação de uma palestra, proferida oralmente, em um texto que circule em gênero escrito.

Para tanto, esse trabalho teve por objetivo analisar as modificações e transformações que ocorrem em uma palestra, compreensível e organizado na modalidade oral, possa resultar em um texto compreensível e organizado na modalidade escrita. Concebemos que a palestra constitui-se como um gênero relevante para a sociedade, pois ela é produzida não somente no meio acadêmico, como também em diferentes esferas da vida pública, como na atuação de diferentes profissionais liberais, como no âmbito religioso, etc. Constatamos, porém que escassas são as referências bibliográficas para o estudo deste gênero, quase nada há que análice quais os elementos constitutivos deste gênero, ou seja, quais são “os elementos relativamente estáveis” (Bakhtin,

Os estudos de oralidade apontam que é a transcrição que permite a instituição do texto oral como objeto de estudo. Iniciamos o processo de retextualização - respaldando-nos no Diagrama de modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito proposto por Marcuschi (2001) - com o intuito de demonstrar a viabilidade dessa palestra oral ser transformada em um texto que pudesse ser publicado na Revista Canção Nova.

O presente trabalho realizou-se em cumprimento à disciplina de Prática de Ensino III - Oralidade, ministrada pela Pof^a Dr^a Sônia Cristina Pavanelli Daros e oferecida ao 4º Semestre de Letras Licenciatura em Português da Universidade Metodista de Piracicaba.

2. Objetivos

Sabendo-se da viabilidade do texto oral poder ser transformado em escrito (ou vice-versa), propomo-nos apresentar um estudo dessas transformações. Para isso, selecionamos palestra “Todos ficaram cheios do Espírito Santo”, proferida por Antônio Carlos Bueno, membro do Movimento da Renovação Carismática Católica, em 21/07/05, a qual foi transmitida pela TV “Canção Nova” (canal 51), tendo em vista uma possível publicação na Revista da mesma emissora.

3. Desenvolvimento

Para Marcuschi (2001) “Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma

gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados” (MARCUSCHI, 2001, p. 49), possibilitando assim, a criação de um objeto de estudo.

Já na atividade de retextualização ocorre uma interferência maior, ocasionando mudanças, especificamente, de linguagem. Esse processo não é mecânico "já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita". (MARCUSCHI, 2001, p. 46).

Para o processo de retextualização tomamos como base o diagrama de modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito proposto por Marcuschi (2001), no qual há operações que orientam o processo de transformação permitindo a compreensão da formulação do texto. Essas operações se dividem em dois blocos:

O primeiro, é composto pelas quatro operações iniciais, as quais são atividades de idealização e de regularização, que se fundamentam em estratégias de eliminação e de inserção.

Operação 1 – *Estratégia de eliminação baseada na idealização lingüística*

São retiradas as marcas estritamente interacionais, como os marcadores conversacionais, os truncamentos, as sobreposições de vozes e os comentários do transcritor.

Operação 2 – *Estratégia de inserção*

Ocorre a primeira proposta de introdução de pontuação.

Operação 3 – Estratégia de eliminação para uma condensação lingüística.

As repetições, redundâncias, paráfrases são retiradas. Da mesma forma os pronomes pessoais (de forma especial os egóticos: “eu” e “nós”) são excluídos e permanecem marcados apenas pelas desinências verbais.

Operação 4 – Estratégia de inserção.

São inseridos os parágrafos e reformula-se a pontuação, porém não é modificada a ordem do tópico discursivo.

Já no segundo bloco tem-se as cinco operações restantes que são as regras de transformação e mudança do texto base, fundamentadas pelas estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação.

Operação 5 – Estratégia de reformulação objetivando explicitude.

Para explicitar o que foi dito no texto oral, com relação a referência ou orientação espacial são introduzidas marcas metalingüísticas que fazem referência a conhecimentos presentes no ato da fala, mas têm que ser explicitadas e referenciadas no ato da escrita para total compreensão do leitor.

Operação 6 – Estratégia de reconstrução em função da norma escrita.

Há a reordenação sintática, reconstrução das estruturas truncadas, adaptação das concordâncias e o encadeamento do texto.

Operação 7 – Estratégia de substituição visando uma maior formalidade.

A sintaxe é modificada para se adequar aos aspectos da modalidade escrita formal, sem alterar o sentido do texto de origem ou introduzir novos sentidos no mesmo. Ocorre um tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas.

Operação 8 – Estratégia de estruturação argumentativa.

O tópico discursivo é reordenado para haver melhor estruturação no aspecto argumentativo.

Operação 9 – Estratégia de condensação.

Os argumentos e as idéias expressas no texto oral são agrupados porém, não ocorre a elaboração de um resumo, pois não se faz uma seleção, mas somente uma reordenação e uma apresentação mais coesa do conteúdo.

As nove operações acima descritas nos permitem transformar o texto oral para a modalidade escrita, passando de uma ordem para outra ordem, pois tanto o texto oral quanto o escrito apresentam ordem em sua formulação, o que permite a compreensão de ambos.

4. Resultados

Para iniciarmos nosso trabalho, utilizando as normas do NURC, transcrevemos oito minutos da palestra já citada, da qual destacamos o seguinte fragmento para retextualização:

L1 meu bom dia pra todus:...

L2 bom:: dia:::...

L1 eu sou da comunidade Remidus du senhor:... da cidadi di Pombal... lá no interior da Paraíba... qui hoji inclusiv... está fazendo aniversário di eman/de emancipação política... a:os meu conterrâ::neós i aos irmãos tamém da cidadi di Campina Grandi onde eu moro todo o meu carinhu... i o meu respeito... ah:: a/aus irmãos di: ou:trus: istadus... eu peço desculpas pelo soTAqui... mas eu não vou poder me livrar deli né... até porque quandu eu cheguei aqui me disseram que aqui: é o VA::li: du Paraíba... intão... to em casa né...

L2 ((risos))

L2 ((aplausos))

L1 mas u te:MA: qui mi propuseram faLÁ: pra voceis: todus ficaram cheiu di espírito santu... im algum momentu pode parece até um pocu redundan::ti né... a genti fala sobri o espírito santu todú congressu... mas pessoalmente eu tenhu mi:/mi debruçadu sobri essa reflexão... ((fôlego)) desdi que eu ixperimentei u espírito... pela primeira veiz di forma assim vivencial:... até porque o espírito ele é definiDU:... assim... biblicamente comu um ven:tu... i é justamenti eu pensu pur causa dessa:... dinamicidade du isPíritu qui si torna: necessáriu qui nós façamus uma reflexão... constanti em torno deli...

Primeiramente, eliminamos as marcas estritamente interacionais, ou seja, retiramos pausas (...), alongamentos de vogais e consoantes (::), entonação enfática (maiúsculas), truncamento de palavras (/), interação palestrante e platéia, e, comentários descritivos do transcritor (())

Ex.: - retirada de pausas e alongamentos: “*ou:trus: istadus...*” RETEXTUALIZAÇÃO: outros estados;

- entonação enfática: “*dinamiciDADE du isPíritu*” RETEXTUALIZAÇÃO: dinamicidade do espírito;

- truncamento de palavras: “*eman/de emancipação*” RETEXTUALIZAÇÃO: emancipação;

- interação: “*meu bom dia pra todos:...*” RETEXTUALIZAÇÃO: -----

- comentários do transcritor: “*((risos))*” RETEXTUALIZAÇÃO: -----

Em seguida, retiramos as reduplicações ou repetições e os pronomes egóticos (eu):

Ex.: - repetição ou reduplicação: “*mi:/mi debruçadu*” RETEXTUALIZAÇÃO: me debruçado;

- pronomes egóticos: “*eu sou da comunidade*” RETEXTUALIZAÇÃO: Sou da comunidade;

Já tendo executada a “limpeza” iniciamos propriamente a retextualização para a escrita, realizando a primeira inserção de pontuação pela intuição fornecida por meio da entonação da fala e, a introdução da paragrafação:

Ex.: “*eu sou da comunidade Remidus du senhor:... da cidadi di Pombal... lá no interior da Paraíba...*”

RETEXTUALIZAÇÃO: Sou da comunidade Remidos do Senhor, da cidade de Pombal, interior da Paraíba.

Dessa forma, executado o primeiro bloco das operações de transformação na transcrição do fragmento destacado acima, obtivemos o seguinte resultado:

1º§ Sou da comunidade Remidos do Senhor, da cidade de Pombal, interior da Paraíba. O tema que me foi proposto: “Todos ficaram cheios de Espírito Santo”, em algum momento pode parecer até um pouco redundante, pois se fala sobre o Espírito Santo em todos os congressos.

2º § Pessoalmente tenho me debruçado sobre essa reflexão. Desde que experimentei o Espírito pela primeira vez de forma vivencial, até porque ele é definido, biblicamente, como um vento e é, justamente por causa dessa dinamicidade que se torna necessário de façamos uma reflexão constante em torno Dele.

Após o primeiro ensaio de retextualização, ou seja, executadas as quatro primeiras operações de transformação, iniciamos as cinco restantes, pertencentes ao segundo bloco. Essas operações são as que efetivamente apresentam as mudanças necessárias para a passagem de um texto oral para o escrito. Houve a mudança e reordenação sintática para que o texto ficasse adequado à modalidade escrita formal, já que a proposta era transformar a palestra oral em um texto que pudesse ser publicado em uma revista. Os tópicos discursivos também foram reordenados para melhor estruturação argumentativa, e, houve também a condensação das idéias, para que o conteúdo ficasse mais coeso.

Dessa forma temos a seguinte retextualização do fragmento transcrito:

Palestra abordando o tema: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo”, concedida à emissora de Rádio/TV Canção Nova, no dia 21 de julho de 2005, ministrada por Antônio Carlos Bueno, membro da comunidade “Remidos do Senhor”, a qual pertence ao movimento da “Renovação Carismática Católica” (R.C.C.), situada na cidade de Pombal, interior da Paraíba.

“O Espírito Santo é definido biblicamente como ‘vento’, devido a sua dinamicidade que pela qual requer constante reflexão, o que o faz ser abordado freqüentemente em vários congressos.”

Percebemos que a palestra transmitida pela TV Canção Nova sofreu transformações para que pudesse ser veiculada, na Revista da mesma emissora. Isso aconteceu devido ao fato das características da modalidade oral concederem espaço às da modalidade escrita.

5. Considerações Finais

Através desse trabalho, foi possível cumprir nossa proposta inicial de viabilidade de transformação de uma palestra realizada na modalidade oral para a sua publicação em uma revista impressa intitulada “Canção Nova”.

Observamos que a retextualização para publicação na revista apresentou uma introdução, proferida em 3ª pessoa, para garantir a compreensão do leitor sobre o assunto abordado naquela palestra.

Em outras palavras, uma palestra, (como essa que transcrevemos e retextualizamos) na modalidade oral, não surtiria o mesmo efeito se fosse lida para a platéia, da forma como a retextualizamos. E o inverso é também verdadeiro, ou seja, em uma revista, não poderíamos publicar esse texto como foi produzido na modalidade oral.

Referências Bibliográficas

MARCUSCHI, L.A. – **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.